

R U Y F A B I A N O

Sarney contra o PMDB

O ex-presidente Sarney sabe que tem pouca ou mesmo nenhuma chance de vencer as prévias do PMDB. A estrutura quercista dentro do partido é praticamente invencível. Mesmo assim, não desiste. E o motivo é simples: Sarney apenas negocia sua renúncia, valorizando-a.

Joga simultaneamente com Quéricia e com Fernando Henrique Cardoso. Seu objetivo é a eleição de sua filha Roseana, do PFL, ao governo do Maranhão. Como o PFL está selando acordo com o PSDB de Fernando Henrique, é mais provável que Sarney, que tem mandato de senador pelo Amapá até 1998, traia o PMDB, que jamais o tratou bem.

Com ele, dá-se situação similar à de Brizola: não tem votos suficientes para eleger-se presidente, mas os tem para tornar-se um valioso cabo eleitoral. Seu nome aparece razoavelmente nas pesquisas. Chegou, em uma delas, a figurar em segundo lugar. Isso o animou a ir à luta. Mas foi avisado por seu amigo (e ex-ministro) Antônio Carlos Magalhães de que não tem embocadura para aguentar o tranco da campanha, que se anuncia dura e altamente ofensiva. Sarney, claro, não concorda. Mas não teve meios de impedir que a maioria quercista impusesse sua vontade e reduzisse o universo das prévias dentro do PMDB, de modo a garanti-las de antemão. Com isso, ficou sem chances.

Há quem ache, dentro e fora do PMDB, que o que move Sarney a disputar as prévias, sabendo-as já perdidas, é tão-somente o desejo de vingança do partido e apressar sua implosão. Faz sentido. No discurso que fez na reunião passada no Diretório Nacional do PMDB, exatamente quando os quercistas decidiram reduzir o universo das prévias, Sarney desfiou um rosário de mágoas contra o partido, especialmente contra sua cúpula.

Lembrou que, em 1990, precisou registrar no Amapá sua candidatura de senador, pois fora vetado no Maranhão. E que teve seu pessoal, hoje distribuído no PFL, PP e PTB, proibido de ingressar no partido.

Claro que apenas o desejo de vingança não o moveria. Seria muito pouco para tamanho gasto de energia. Há lucro político na empreitada. Implodido o partido, parte considerável estará em condições de ser cooptada para a candidatura Fernando Henrique Cardoso, aumentando o cacife pessoal do ex-presidente junto ao comando da coligação e seu espaço de influência no eventual futuro governo. Nas prévias, Sarney buscará absorver os votos anti-quercistas, mesmo aqueles que, em circunstâncias normais, não lhe seriam favoráveis, como os da bancada gaúcha. No confronto com Quéricia, a ala ética do PMDB o prefere.

Essa a lógica de sua estratégia. Nada impede, no entanto, que, vindo à tona algum dossiê mais pesado contra Quéricia — e não falta gente interessada em produzi-los — Sarney possa ser beneficiado por uma **zebra** (nada a ver com a lista do Castor) e acabe chegando lá. Mas isso é tão provável quanto, por exemplo, uma aliança entre Lula e Brizola. Ou que a revisão constitucional aconteça.

Plano — Os gestores do plano econômico projetam para agosto-setembro as quedas mais expressivas da taxa de inflação. Junho ou julho o real entra em cena, iniciando o processo. Como a eleição é em outubro, Fernando Henrique chega às urnas em plena euforia da moeda forte, combinada com taxas mínimas de inflação. Um **show**.

O raciocínio é feito em voz alta, por políticos influentes da coligação PSDB-PFL. Depois, queixam-se de sabotagem política ao plano e propõem que ele paire acima das candidaturas. Complicado, no mínimo.